fábulas — esse homem e essa mulher. [2015-2017]

esse homem

1.

um passo grave e menineiro entregue ao rufar das estações.

um caminheiro antigo. um aluado ser das nuvens. um, só.

uma criatura fulminante e ciosa do silêncio e das rugas.

um ninho de aventuras sem culpas nem perdão. uma mão.

um braço pedinte a estender a ponte por que anseia sem espera.

um corcel de passos sem tréguas nem pausa. fogoso alazão.

uma cordilheira onde índios acenam com o feitiço da vida.

um andamento destemido e grave. uma lufada de véus e asas.

um esvoaçar de asas no aquecimento da manhã

um adejar de asas no rodopio da madrugada.

um corrupio de sangues e antigos venenos. um laço em nó.

uma veia a ligar ideias a coração, a ombro e ao braço mendigo

uma central e firme jugular interna. uma veia a drenar, veia a ligar.
um caótico som sem nome. murmúrio desejado, roçar insano. ar.
um vendaval de ideias vivas aliado do temporal e do manso repouso.
um hino à concretude devotado enquanto as matérias se fundirem ao lume.
um feito de vivíssima temperatura, um caso e um colo de solidão.

hão-de guardar-lhe, o tempo e os deuses da brava chama,
a forma menineira de lançar doces beijos do outro lado da rua.

2.

esse homem não é um homem: é um menino ambulante
uma imaginação incontida no movimento

um insaciável arfar de ombros e pulmões.
um ambulante desejo de plenitude a que foge, assim, na voracidade da fuga.
imagina esse homem, como muitos, que a liberdade é a fuga.
imagina esse homem, como muitos, que o amor é a ausência.
imagina esse homem, como muitos, que a verdade é um dito
repetido em cada orelha rosada atrás de um caracol louro.
imagina esse homem, como muitos, que a saudade é um mal
que apenas ataca madeiras húmidas e gentes fracas
dessas gentes habitadas pela entrega amorosa — fraquezas, imagina ele.
esse homem é um menino — nem se sente homem, nem é homem
como muitos outros acondicionados aos modos
de entrar sair e regressar ao colo, eternamente à espera
de entrar e sair e regressar à solidão feroz eterna.
esse homem que é menino deambula pelas muralhas da cidade sitiada
vê, nas muralhas, muros de censura ou vergonha.
vê, nos resguardos das casas, arames farpados e de aço.
e, nos gestos amorosos, ameaças ao oxigénio e ao riso escancarado.
esse homem que é um menino ambulante, como muitos,
troca os Bês pelos Vês e, onde se diria Beijo põe o distante verbo Ver.
onde se diria "Vem" põe um passo apressado de abandono.
onde se sentiria brotar o caule mais tenro da humanidade
coloca um vaso de barro ocre para amedrontar o crescer.
esse homem que é um menino ambulante leva as mãos cheias de alegria
e o coração coado pelo mel de prata da claridade.
antes assim, vida, antes assim seja — ambulante menino:
em tempo de áridos desertos amemos a pura infância até à eternidade.

3.

esse homem é como todos nós, um sofredor e um sonhador em trânsito.

esse homem tem um andar de andarilho e faz-se ao caminho
a todo o caminho, a todas as pedras, invernias e escolhos —
homem que é homem sabe ler nos céus a mudança de vento
homem que é homem sabe ler nos ventos a anunciada tempestade

homem que é homem sabe chorar de raiva e arrependimento
homem que é homem sabe pedir uma meiga mão e dar o ombro fugaz —
esse homem vai, pois, cansadamente leve, fragilmente desgastado
mas amável, onde amável é o lugar daquele que quer amar e vai amar
por fim.

ah esse homem! tem covinhas no rosto, um sorriso gaiato
decénios de aventuras loucas como de percas e desperdícios.
esse homem anda perdido pela vida e pelo amor.
ah esse homem! (se existisse) era sorridente e incansavelmente amável
até a ternura e a meiguice, exauridas, lhe reconhecerem o condão:
dele brota a pureza brilhante, a nascente do que busca e se não conforma
dele nasce o horizonte a vir, o rumo a fazer, o cúmplice entrelaçar dos dedos.

esse homem é um lema universal para quem luta ao leme contra o vento cortante
e as bravas marés de enganos, passageiras como espumosas e imundas.
esse homem, nem alto nem baixo, leva uma estrelinha de encantamento
que ele mesmo desconhece. mas a mulher sabe e vê.
a mulher — sim, essa mulher, a da fábula — vê a olho nu,
de mão estendida à partilha, com o seio arfando e o colo contorcido
na agonia das borboletas — sim, essas, do amor.

esse homem não existe. nem essa mulher. aqui, apenas se inscreve a premonição da fábula.

4.

esse *ecce* homem morreu mesmo na cruz,
e continua ainda hoje a morrer na cruz, por exemplo, palestiniana
esse homem *ecce* mesmo padeceu mesmo a tortura
e ainda hoje se arroja perante ferros correntes e valas
comuns porque partilhadas por muitos, mas também
comuns porque habituais, já banais, nesta fórmula boçal que a escória inventou como lixo
ecce homem ressuscitou mesmo,
pois se assim não fora hoje ainda o reconheceríamos em cada vivente
mas não: vai sobrevivendo tenuemente, sobretudo entre os personagens angelicais das fábulas.

5.

estreita um mundo de surpresa nos braços.

descaídos ao longo do tronco, passeia-os serenamente até que haja um sinal de ameaça ou torpor
— violência ou preguiça são-lhe iguais tormentas
    a esse homem que estreita um filho em cada braço
    e leva o cansaço consigo a par da mais radical e juvenil rebeldia.
esse homem não existe, já foi dito, mas convém lembrar
para evitar desilusões e falsas expectativas
não vá algum leitor querer ir procurá-lo pelas ruas ou margens salgadas da cidade.
esse homem, pois, segue passo a passo
— com alguma cerimónia, parece, a timidez profunda que o embalou
    há poucas semanas, nas trevas da revolta e do pavor.
mas agora — neste aqui e agora onde ela respira junto a seu peito
onde ela pulsa, a coragem, rente a seu pulso,
onde ela solta a idade rasando o seu ombro —,
agora e aqui este homem que não existe encontra, por fim,
um ombro onde deixar cair tal lágrima amarga.

possa essa água seguir o leito do mar onde a claridade se aprimora.

o ombro onde a lágrima cai é de um doce moreno de Sul.
o homem que estreita a surpresa nos braços é moreno do Norte.
e, entre um e outro, revigora-se a noite, a Poente, para que amanhã, a Nascente,
o dia brilhe no sal de prata
que sempre acompanha o profundo travo do mel de prata do amor.

6.

esse homem corre a par do vendaval mais obscuro guiado pela seiva azul do elemento húmido.
a alguns, parece perdido. / outros chamam-no de louco, vil ou vadio.
a mãe conserva o segredo do seu menino que, serena, amamentou, apesar dos seios sangrando.
esse homem é um menino enorme de ternura adiada

ou temida ou desaprendida na velocidade do voo.
ainda leva nos olhos meigos réstias da centelha sagrada.
ainda sente na palma da mão
arrepios gostosos quando a meiguice
e a ternura lhe roçam os dedos.
segura na mão dela como quem não quer
senão uma tábua cúmplice de desejo.
esse homem e o menino da ternura confundem, às vezes, poiso com ninho.
mas as aves da alegria são pacientes:
há-de vir, o verbo desejado, morar no ombro desse homem assustado.

7. — fábula em forma de soneto.
esse homem inexistente persevera e encontra-se
cada vez mais cada vez mais cioso da janela
onde se encosta, sozinho, nas altas horas da dor.
onde se sonha, sereno, em dolorosa pausa do amor.

esse homem abre o peito em arco ou barco ou ponte
— abre o encaixe dos pulmões até estriar o medo
e respirar fundo antes do lance de vis escadas.
e servir trémulas carícias e beijos no lugar dos vis prazeres.

esse homem chora, é claro: para isso existem as lágrimas
e vingam-se, as lágrimas, nesta terra de salinas
onde mortos morrem na berma do passeio de casa.

esse homem vibra entre o arrepio e a turbação.
haja lábios silenciosos para guardar-lhe o gosto inesperado
o puro descobrir, o estranho despertar — ressurreição da alegria.

8.
esse homem renasce entre folhas e filhos outonais
e mães cansadas e pais cansados extenuados de dor
da dupla moral sexual.

esse homem revive entrecortado por bainhas e ourelas
domésticas caseiras e infinitamente caladas
na dupla morte social.
esse homem habita o vácuo do cosmos.
esse homem instila o vazio de cosmos.
esse homem destrinça o caos do cosmos.
esse homem habita o cosmos. e vive.
cansado da dor da dupla moral sexual.
calado na dor da dupla morte social.
esse homem entoa a música das esferas. só.
haja um lábio cioso um ouvido carinhoso e uma mão meiga
onde pouse seus caprichos com ardor.

9.

esse homem é o Natal inquieto
por cada côdea injusta ou desperdiçada.
é uma labareda de doces cuidados aos filhos
de gestos destemidos e intenções amorosas.

esse homem leva nos braços a sobremesa e as prendas para a consoada.
e, desta vez, o galo vai calar a goela em respeitosa homenagem a tanta dedicação.

10.

um corcel de passos sem tréguas nem pausa. fogoso alazão.
uma cordilheira onde índios acenam com o feitiço da vida.
um andamento destemido e grave. uma lufada de véus e asas. um esvoaçar de asas
no aquecimento da manhã, um adejar de asas no rodopio da madrugada.
um corrupio de sangues e antigos venenos. um laço em nó.
uma veia a ligar as ideias ao coração, ao ombro e ao braço mendigo
uma central e firme jugular interna. uma veia a drenar veia a ligar.
um caótico som sem nome. murmúrio desejado, roçar insano. ar.
um vendaval de ideias vivas aliado do temporal e do repouso manso.
um hino à concretude devotado enquanto as matérias se fundirem ao lume.
um caso de vivíssima temperatura, um caso e um colo de solidão.

hão-de guardar-lhe, o tempo e os deuses da brava chama,
a menineira forma de lançar beijos doces do outro lado da rua.

11.

esse homem fugia do amor e da liberdade.
esse homem fechava-se à real liberdade em nome das convenções de rugas e isolados refegos.
esse homem habitava rugas, refegos, convenções
e, certos dias, quando a contenção era demasiada
habitava um corpo de partículas e gavetas isoladas e accionadas pela descompressão local.
esse homem habitava o vento tortuoso das convenções e adiava respirar a maresia
da casa em frente.
esse homem vivia numa casa sem ar nem mar.
até que, um dia, os reis magos se apresentaram
por baixo de uma dada janela, frente ao mar, e enunciaram o teorema da verdade eterna.
o homem — o esse — sabia línguas e linguagens muitas,
pois homens como esse são ágeis e vorazes na atenção
na ambição e no cuidado para com o diferente.
ao ouvir a toada pelas vozes másculas
o homem — esse — abriu a vidraça, despiu-a de persianas
e sorriu, semi-debruçado sobre os belíssimos camelos
dourados, a brilhar a ressaltar ao luar ali frente ao mar.
sorrindo, semi-debruçado, podia ver-se, pelo peito
que já tinha alguma idade de dores e distâncias
pois arqueava-se, ao respirar, ressaltando ainda mais os ombros
ciosos de movimentos, ágeis de força e lancinante emoção.
e o homem — de poucas palavras era, esse homem — falou:
bem-vindos, reis magos e vossas douradas celas
ao meu reino de rugas, refegos e convenções do medo.
as boas-vindas vos dou, pelo sortilégio / as boas-vindas vos dou, pelo mistério.
porque, convosco, é também chegada minha hora
de acolher a estrela dourada e brilhante de que tenho fugido, ao invés de vós.
assim, aqui, agora, ante a vossa esmerada missão cumpre-me agradecer tão honrosa atenção
e acatar o desígnio dos céus.
e foi assim que esse homem da casa sem ar nem mar,
esse homem que fugia do amor e da liberdade,

que se fechava à verdade em nome das convenções
das rugas de outros, refegos e curvas decadentes
que esse homem sorriu eternamente à ondulação
que esse homem abriu os braços à maré de salivas azuis,
saborosas lentas e demoradas, sais e leites do corpo
sem convenções nem rugas externas ou decadentes
pois na via da livre entrega todo o encontro se esmera
e guarda inocência e esperança na asa mais doce
nessa asa onde se recobra força espanto e alegrias,
nessa asa das saborosas lentas e demoradas ondulações dos sabores deliciosos do amor.

12.

esse homem é mortal. por isso inventa casulos onde solidão
acenos sem expectativas e rombos de fogos e braços pueris.
esse homem é mortal na vida no sangue no sémen e na dor.
mas finge desconhecer — ou teme conhecer — que o rumo
dos rios e das marés também podem alagar as margens quietas.

aliás, é preciso ser-se um mortal sabedor da morte
para entender que há rumos nos rios e marés e margens quietas.
para quem percorra o rio, são as margens que se movem.
para qualquer marinheiro, são as marés que rumam a vida.

mas este homem não é marinheiro — só é mortal.
sem cigarro ou cachimbo de madeira, fumegante
sem dedos amarelados nem ressequidos
sem barba farta nem bigode macio na hora do beijo amante
— este, é um homem mortal, enfurecido com a vaga e as ondas.
árdua condição — real humana finita — ao invés da mítica,
da ficcionada condição de marinheiro, cujo apelido se perde
se perderá para todo o sempre, por entre o sal das onduladas
carícias, das iniciáticas ternuras na pensão do 7.º andar
numa alta noite de gestos impossíveis mas fervorosos.

tequila. *mezcal*. Rum.
llevanta muertos y salsa.
"bésame mucho".
"te quiero, te quiero, te quiero".

é preciso ser-se um mortal sabedor da morte
para entender que há rumos nos rios e marés e margens quietas,
para aprender que, uma vez beijado na boca de um marinheiro,
nunca mais o mar nos liberta. / e só nos salva
pela nossa entrega, cativos, à sua rugosa saudosa mão.

13.

esse homem tem um mapa etéreo por desdobrar e um astrolábio de ouro por orientar.

esse homem tem asas acolchoadas com reforço de aços cinzentos e prateados.

esse homem tem visões e ouve vozes — mas remete tudo
para o cansaço do fim do milénio / e do início da Era de Aquário.
esse homem tem um navegador ardente no peito.
esse homem cozinha os ventos salgados na mecha ardente da sua mão.
esse homem salta obstáculos febris, arrasta sombras de terceiros
e, mesmo assim, ainda levanta a cabeça para expandir o olhar no horizonte.
esse homem, tão arqueado e luminoso, ao mesmo tempo,
não existe. porque só existe na fina fissura do transbordo
entre a rígida contagem dos medos rente ao soalho
e a metamorfose cálida das asas de auto-reconciliação.

14.

esse homem é uma sombra desfocada da sua essência mais íntima, latejando
por entre uns passos precipitados inquietos e outros lentos nobres cuidadosos.
esse homem é um desafio para a coragem
um desaforo para os limites e os padrões, / uma desatinada revoada de asas amplas
um desfilar certeiro de perguntas dúvidas e vozes inquietas pelo ar.
esse homem é um buscador de ar puro pleno oxigenado, mas também morno
daí que confunda o aconchego das coxas com a plenitude saciada, a pele soberba

e o desejo soberano dos que chegam a amantes.
este homem confunde o odor da que anseia com o perfume vendido nas lojas mercantes
como se um líquido num frasco substituísse a calidez da dádiva da que o seduz
e se encaminha juntinho ao lábio dele, risonho perfume de mulher incrustado na memória
enquanto ele teima em ser sua própria adversidade.
a grande caçada desse homem — que é caçador —
é mesmo o dano e a prisão que faz a si mesmo.
esse homem é um caçador alheado da violência das armas que transporta.
sendo caçador, busca também perigosos troféus só para exibir a alguns infelizes,
troféus resultantes das suas sucessivas mortes.
esse homem é um caçador alheado / é um caçador voraz, pois distraído
e algo inocente, se recordarmos sua dor / e a raiva e o despeito e a vaidade
que transporta aos ombros da solidão.
esse homem, delicada criatura, surpreende pelas sucessivas mortes e ressurreições.
ergue uma bandeira de paz na mão direita ao mesmo tempo que abre o peito corajoso
às faúlhas voláteis e descuidadas que sempre se insinuam ao redor dos infernos.

este homem é hábil na descida aos infernos e muito ágil na prestidigitação do medo.

se alguém souber onde pára ou se acoita
digam-lhe que a vida é mesmo cheia de amorosos desencontros até à hora da morte
e que o que importa não é vencer o medo nem a morte
mas alcançar a carícia mais pura e ternurenta
e, assim, afastar e adiar o instante da partida para a eternidade do encontro final.

You have to die a few times / before you can really / live.
Charles Bukowski

15.

esse homem é mais um menino de joelhos curvos e rotos de tanto
esgrimir com os outros e com o nada.
esse homem é mesmo um menino, inteiro, todo ele, da cabeça aos pés, caracóis cortados,
passos esgueirando-se pelos fundos,
não vá a vida pedir-lhe um pouco mais de calma ou permanência

eterna
esse homem é um menino pleno, rosado no coração, luminoso na alma e
azul nas ideias de mudança e perdição e na crosta de dor amarga e encanto magoado
esse homem é. ali. enquanto a lua cresce neste afago de
intenções.

16.

esse homem rejubila em cada nova onda acidentada.
e passa sem se deter, confiante de que o tempo lhe trará de
volta
o merecido portado.
esse homem desvia-se com medo do retorno ao coração.
esse homem sabe bem como as artérias do corpo e da alma
asfixiam ou ampliam a pureza dos sentidos.
esse homem cria um modo de sentir em cada hesitação.
possa o tempo acolhê-lo como ele acolhe o vento:
esse homem, saudoso da saudosa combustão branda,
esse homem, ébrio do amor.

17.

esse homem nunca está sozinho
pois acredita que a solidão é uma questão numérica
quantificável de contagens das idas e vindas
entre alheias vidas de que lhe chegam os restos densos na palma da sua fina mão.
esse homem nunca está sozinho nem feliz
porque investe nos meneios precários e baços
porque aposta nas âncoras da necessidade volátil
dado o medo que ainda tem da vida
e de abrir as asas e o peito puros ao luar.
esse homem nunca está sozinho.
por isso nunca permanece na moldura nem no enquadramento
que as patas e as notas gastas regurgitam pela cidade.
um dia, quando intensamente só,
esse homem vai abrir-se ao inteiro voo da grata e funda emoção.

18.

um piedoso peito virado para dentro
fechado por dentro a ventos e gestos
assemelháveis à comoção antiga
onde, em tempos, aprendeu o arrepio nobre
o rasgo rutilante da alma absorta e entregue
por fios incandescentes fugindo ao curso do mar.

esse homem tem um peito largo de afectos por regar.

este homem é um amplexo de afeição e ternura a desabar.

esse homem traz um peito enorme
sob o botão azul da alva camisa e
traz no peito um leito onde o coração,
flamejando, sutura aguadas feridas
antigas passadas abraços e rasgos
do peito de então, jovem e voraz
um peito preparado para adeuzes e desconcertos
e onde habita agora. vaga, a nostalgia do ser.
esse homem habita a nostalgia de si mesmo
sofre com a traição que semeia com as próprias mãos
contorce-se de dores derivadas da raiva
e do rancor com que a si mesmo se esbofeteia
em plena rua, no autocarro e ao jantar.
ergue com os mastros o clamor da agonia
crescente em seu silêncio e num ou noutro gesto
que deixa escapar de duvidosa comoção profunda,
pois esse homem insiste na derrocada da alma
na avalanche dos gestos róseos e mornos
na evasão do sol e da lua para o desterro

onde nem a terra soe nem os mares desovem
continente ermo e arrasado de solidão.
atiça as más-línguas, as que se vendem e as, sonsas, a rastejar em nome da amizade.
atrai galgos e répteis de rasto fulminante que confunde com pontes e novos caminhos.
esse homem é o caminheiro do descaminho
alumiando o enquanto e o ainda não.
se o encontrarem, tragam-no, suavemente
até ao poial da franca porta de sua vida
esse portal antigo que teima em disfarçar
com o botão da camisa branca, o pleno respirar.

19.

esse homem desbrava todos os rios de tenacidade e esperança
enquanto as crias dormem sob a asa materna da avó.

esse homem descobriu as asas, assumiu as asas
numa noite de temporal e borrasca.
antiga noite
antiga trave de entrada custosa de empurrar no Inverno
antiga frase paterna sobre a liquidez das mãos vagas
antiga traça familiar dos desvarios de copos e saias
antiga graça feminina sempre a invectivar os sentidos.
esse homem descobriu a leveza das asas – brancas -
depois de andar à procura do momento perfeito para as soltar.

esse homem é portador de guerras medos e destemperos
como de amores surdos e retidos na maçã de Adão.
aliás, esse homem foi cativo de Adão e Eva, mas descobriu
a árvore da sabedoria, / estranhamente, num sábado de chuva / sombrio,
quando devia ter ficado em casa com os ancestrais
mas decidiu sair para a floresta da jovialidade eterna.
a árvore pairava por aquela clareira, algo distraída,
até que deu conta da presença do homem das asas brancas
por trazer pousadas as asas cativas, adiadas e doridas.

por ser velha — melhor dizendo, milenar — a árvore parou a caminhada e sentou-se,
sorrindo como as crianças ao ver o balão encher-se de cores.
o homem não acreditou que fosse uma árvore de verdade
tão raras eram, em seu caminho, as ramas veras.
assim, o homem desconfiou dela e atirou-lhe uma pedra pequena
à espera do rápido e formatado retorno.
nenhuma pedra regressou, nem galho rama nem frase irada.
o homem cansou-se e abalou, apressado para encontrar o acaso e o desalento.
eis senão quando a árvore, a da sabedoria — se lhe atravessou no caminho.
ainda hoje se recordam desse cruzamento de passos esperanças e vidas.
ainda hoje se lembram do tolo roçar das mãos porque motivo nenhum
mais forte que o seu há: ensejo desejo caminho destino.
ainda hoje a árvore da sabedoria anseia pela assombração das asas
por parte dos próprios homens seus portadores, criadores.
pela parte que toca à árvore da sabedoria, já está tudo esclarecido:
esse homem desbrava todos os rios de esperança
esse homem descobriu a leveza das asas — brancas —
depois de andar à procura do momento perfeito para as soltar
no instante pleno do ficar amorosamente,
à chegada, dentro do seu gesto carinhoso.

[Figueira da Foz: Casa do Caes e Nahida. 2015: Julho-Out, Dezembro. 2016: Janeiro-Março]

---

essa mulher *

1.

essa mulher trazia as borboletas na boca
em vez de as guardar no estômago, como os outros que se dizem sensibilizados.
na boca, as asas azuis e amarelas desprendiam-se com acordes de guitarra
sempre que a palavra gemia suave
ao ritmo de um braço a roçar outro braço / quando enamorados
ao brilho do sol em todas as horas
ao brilho da lua, ao luar ou no breu,
com um bando de gaivotas, a brisa mareada ou o pesado vento das planícies do sul.
essa mulher voava com as borboletas que amava

fazia-se leve na subida colorida / adelgaçava
ganhava cores e coragem para se fundir com nuvens, estrelas e asas,
todas as asas esvoaçantes, incluídas as dos meninos sonhadores e, claro, as dos poetas.

2.

essa mulher respirava, como ainda respira, pelas guelras transparentes da esperança.

mesclada de tons pastel e outros sépia
amotinada entre o horizonte e a fronteira
essa mulher caminhava quando parava
e parava quando ensaiava o pé-ante-pé na areia.
essa mulher respirava algas e seiva alada pelas gaivotas metalizadas,
altas horas, quando a luz urbana lhes alumia as barrigas
e os telhados das casas vazias aceitam, passivos, seus poisos gritados.
essa mulher respirava pelas veias mais intactas de que há memória.
dir-se-iam velhas veias por usar. ou veias virgens de ruído atroz.
mas, ao pormenor, vistas de perto, combinam a amplidão do espaço
com a ruga sagaz e serena da imensa vida atravessada.
essa mulher respirava
através da vida que tinha / através dos passos caminhantes e das guelras de espuma leve,
brancas guelras, se não transparentes
— que nunca opacas, que nunca opaca pode ser a vida destilada ao longo da vida.

essa mulher respirava, como ainda respira, pelas guelras transparentes da esperança
— espécie de metáfora caseira para defender, do assédio, o Amor.

3

essa mulher tinha — como aliás, ainda agora —, corpo material
para além do emocional, do etéreo, do espiritual e, mesmo, do poético.

essa mulher tinha curvas bem talhadas
e detalhadas no espaço
a par do cimeiro volume celta ou rosado.
essa mulher tinha cravos na boca e uma rosa turca no peito

para além das bravas rosas brancas a despontar no colo
junto ao cós da batalha mais clássica e intraduzível
de toda a literatura seca e molhada, morna ou fatal.
essa mulher tinha um cinto de poder entregue pela grande Xamã
ao mesmo tempo que os anciãos lhe adornavam as mãos
de anéis viçosos, volumosos, cor da carne viva onde habitava.
essa mulher tinha carne e coração. e osso. e suor e, até mesmo, sangue
para destilar o sal amargo das lágrimas tristes ou saudosas
distantes, no alambique dos afectos, das lágrimas doces carinhosas,
descidas da comoção branca aos lábios,
carinhoso beijo da comoção desde o olhar ao paladar.
essa mulher tinha paladar e olfacto.
para além da rosa turca no peito
e das duas bravas rosas brancas a despontar no colo
logo logo cimeiro à concha risonha onde os filhos vinham brincar
em tempos de fértil namoro a dois com o homem dos seus sonhos vivos.
essa mulher tinha sonhos, para além de corpos e florais imensos.
essa mulher tinha sémen ofertado em noites de adulação
variando com as luas e as estações e o tempero dos homens residentes.
essa mulher tinha luares e estrelas e vendavais
para encalhar os maus navios num rebate de justiça
para parar cursos malvados de água reles ou metediça
para travar as incursões de piratas rasos sem beleza nem coragem,
pois a coragem dos homens piratas devém, antes de mais, da beleza
dessa beleza que nasce e cresce à medida que seus músculos desenham a coragem da verdade.
essa mulher tinha músculos e coragens.
ela, essa, era a mulher amada pelo mais belo pirata.

4

essa mulher via espíritos
onde os outros optavam por fumar ou snifar pó.

essa mulher lia espíritos
onde os outros acabavam por deitar cal

entulho raspas ou, mesmo, a língua de fora.

essa mulher ouvia espíritos
onde os outros teimavam por atafulhar de batidas de metal.

essa mulher tinha espírito
de luta e conquista e amante.
onde os outros só boiavam à tona da rotina mascada.

essa mulher derivava espíritos
onde os outros viam ladainhas
ou rezas ou mezinhas de tormento e morte.

5

essa mulher sobrevivia ao refego de uma metáfora de homem
desse homem que se vivia no reverso da palavra dessa mulher
desse homem que se revivia no rebordo da maré dessa mulher
desse homem que vivia por dentro da estranheza dessa mulher.

6

essa mulher caminha há milénios, devota
e devotada à causa das asas e à tese das marés de prata.

marés e asas entregam-se, docemente ao oscilar materno da prata ao vento.
desde a iniciação nascente — primeira prova da liberdade —
enraízam-se vontades e sonhos / ganha coragem a imaginação
alçam-se os primeiros rebentos de espuma para orlar praias,
abrem-se em indizíveis leques as franjinhas e os fios puídos de asas primeiras
a incubar os duradouros e fortes braços alados que hão-de levar sobre os oceanos
a tristeza, a angústia de errar, o medo de amar / e, na volta,
vão aproximar os polos — os opostos e os amáveis mas, distantes, por cultura ou timidez.

da causa e da tese de asas e marés de prata vive amorosamente pendente essa mulher.

7

essa mulher veio do fundo da terra
após antigas navegações pelos mares crespados e frios do norte de vulcões
e mulheres de cabelos fogosos e ondulados.

essa mulher herdou o cabelo e o vulcão.

essa mulher tece o mar e o vulcão até a lava se entregar na *'quiet storm'* da melodia de Sade.

8

essa mulher, de coração aliado do peito,
tem o estômago amigado com os olhos
os olhos encantados com as mãos
as mãos solidárias com o peito
e o peito aninhado na boca
por onde solta as batidas do coração ao ritmo de cada rosa branca, a pulsar,
entre a língua e o lábio inferior
entre o lábio inferior e o superior
ou só mesmo entre os lábios.

essa mulher tem um estranho ritmo no coração.

dizer que é o ritmo das rosas brancas nada diz porque,
para se definir um ritmo que sempre tem cor,
urge tomar-lhe a cadência, o compasso, o requebro e a paixão.
ritmos neutros ou indecisos não chegam a ser ritmos:
são batidas, batimentos — mas, ritmos, não.

essa mulher, de coração aliado do peito, leva no altar do corpo uma comoção.

leva, sustida entre os lábios, a cereja fresca e vermelha da paixão.

essa mulher, de estômago amigado com os olhos,
leva no colo da vida uma pétala de ouro dourado, esplendente.
essa mulher de olhos encantados com as mãos
— as suas, as mesmas mãos solidárias com o peito —
passa como nada, viaja como quem voa
e fica,
entre nós, de vez.

essa mulher, sim, essa mulher: outro destino não tem para além de permanecer.

9

"A Missão de Continuar a Vida
Ninguém se pode possuir inteiramente, porque se ignora, porque somos um mistério. Para nós mesmos. Podemos sim, ser mais conscientes de uma determinada missão que temos no mundo. Todos nós somos uma missão. Somos a missão de continuar a vida, aperfeiçoando-a, festejando-a e não destruindo-a como se está a fazer hoje. Eu não tenho certezas, mas tenho convicções e uma das minhas convicções mais firmes é que nascemos para a liberdade." Natália Correia

essa mulher é letal
como tudo o que tem de ser vivo para poder morrer.

destinada aos ventos sulistas, às ondas dos nortes, aos vulcões
e a outros seres mágicos do fogo
essa mulher tem sôfregos soluços de emoção
dado que essa mulher tem emoção, sabe a emoção
— é a emoção funda, a funda turbação dos trevos verdes de quatro folhas onde mora a sorte.

destinada à cal das paredes onde mais galgos se roçam,
destinada ao farto brilho da refracção da luz, essa mulher
— também conhecida por alegria, lua, garra ou liberdade —
evade-se dos cantos mais sombrios ou dolorosos
e aninha-se, sobre os calcanhares ou mesmo sentada ao fresco,
na confiante espera da madrugada clara anunciada por Sophia.
essa mulher conhece Sophia. essa mulher nasceu de Sophia.
todos os cantos do mundo ou das casas alojam bocadinhos da sua voz
todos os ecos caóticos se reordenam quando a escutam.
essa mulher, ecoa a voz das matilhas de lobos serranos

e o urro carente dos brancos ursos de neve.
essa mulher abraça os ursos. essa mulher dança com os ursos
e com todos os lobos, como ensina o livro que assim se chama.
destinada ao fulcro das matérias e ao equilíbrio dos materiais
essa mulher toca suavemente o pulso do amante, beija-lhe as mãos
e parte, descalça, por entre as dunas de diamante prateado, virgens.
assim, descalça e vestida de comoção,
essa mulher assalta a indiferença e a previsão contida
dos fotogramas em vez de gestos espontâneos e audazes
mesmo que, por vezes, dolorosos.
essa mulher é a Dolorosa
Mãe do Filho que ninguém teve mas todos cobiçam algum dia.
assim, descalça e vertida na maternidade do mundo
— essa mulher, letal como tudo o que tem de ser vivo para poder morrer —
lega-nos o seu lugar para que ocupemos o nosso lugar na vida.

10

essa mulher talvez não tenha consistência material que lhe permita ser vista, ouvida ou osculada.
essa mulher tem fibras suaves no lugar dos ossos,
— um cordão de seda maleável em vez do esqueleto —,
jóias de seda e algas alojadas onde, nos outros, há inchaço bílis ranço e inveja
para além do podre vazio de um poder submisso
que apenas domina quando se verga ou ajoelha
aos requisitos da vil infâmia ou cobarde insensatez.

essa mulher talvez não tenha temperatura suportável
pelos mornos corpos vizinhos e viajantes,
corpos cordatos com o meio-termo, as meias-tintas e
os cirúrgicos instrumentos de mensuração
das águas das febres e das mágoas coalhadas, por viver.
essa mulher é de lentas febres intempestivas
e morenas peregrinações sem caravela outra que sua saia
branca rodada balançando ao ritmo das marés-vivas
saia redonda e branca bordada por areias e sais

como a branca redonda e pura espuma borda o mar.

essa mulher talvez nem seja uma pessoa já que de fábula se intitula esta escrita
firmada pelo acre vapor do limão, que o mesmo é dizer assinada pelo sangue da paixão.

essa mulher é uma fera livre e alada a esvoaçar entre os telhados da contenção.

essa mulher é uma selva à solta entre os semáforos solitários da urbanidade.

essa mulher é uma verdadeira ameaça à calma ou morta isenção dos afecto.

essa mulher é uma incisiva ferida na hesitação, no medo e na indiferença,
um gesto preciso de afagar as correntes mais puras e cristalinas da respiração,
a amorosa turbação de faces e da inteireza do corpo prestes a devir mel.

essa mulher é uma história em aberto, um andarilho da esperança,
uma promessa de reciclar medo, dor e rouquidão no doce travo do amor
— essa mulher, fábula andante.

11

essa mulher amava desalmadamente as madrugadas frente ao mar do sul.
essa mulher navegava no alto-mar das searas e, mesmo, das lezírias.
empunhava o leme da esperança na luta contra a fome.
encimando os gestos com camisas brancas e lenços coloridos,
essa mulher manejava o leme da fartura
essa mulher cruzava os mares de ondas douradas e azeitonas
onde se deitavam, às vezes, outras gentes marinheiras
à sombra de um chaparro ou azinheira,
gentes-gente
navegadoras da seiva do corpo, do sémen da fartura e do mel,
marinheiras gentes dos secos portos
do mais interior que pode ser um país ao sul
do mais ao sul que pode ser um país interior.

essa mulher acenava ao longe às andorinhas e aos tordos.

essa mulher conhecia pelo nome todos os pássaros e todos os outros
seres voadores daquela costa dos secos portos do interior a sul.
e gemia uma canção rara de gratidão.
à luz dos pirilampos, ao som dos ralos
no entretanto da noite para lá de ser madrugada e da madrugada antes de ser dia
essa mulher passava descalça de medos e artefactos protectores ou providenciais.
porque essa mulher tinha um sonho terno, adiado há milénios.
porque essa mulher passeava na seara há milénios.
porque essa mulher passava há milénios.
porque essa mulher
há milénios que amava desalmadamente as madrugadas frente ao mar do sul.

os xamãs do povo de penas e barros alumiavam o caminho da mulher.
os deuses do povo de samba e chorinho alegravam o caminho da mulher.
os oráculos do povo das brancas saias rodadas vaticinavam o caminho da mulher.
um desses mestres de olho felino e pele mestiça leu, nos búzios, o caminho a essa mulher.
ladeado por duas alvas línguas despegadas do alto-mar
o caminho de terra e saibro alongava-se ao largo da costa do porto seco a sul.
à passagem da mulher, a poeira pousava deixando o horizonte menos poeirento
ficando a linha de fuga mais nítida, ao nível do peito de quem quisesse olhar para trás.
outrora ladeado por duas alvas línguas despegadas do alto-mar
quem diria, agora, tal relação marítima do caminho seco a sul.
a mulher sabia-o. segredo que guardava, ciosa, junto ao peito generoso.
o caminho alongava-se à medida que a mulher passava,
caminhando devagar, fazendo, assim, o seu caminho.
ainda lá está — ainda aqui está — esse rumo desenhado na poeira e no saibro.
ainda agora, como então, o trilho contrasta
com a intocada marca de gente na estrada alheia de betão.
porque essa mulher ama, / desalmadamente, há milénios,
as madrugadas frente ao mar do sul,
é que o caminho permanece um retábulo da frescura dos seus passos.
de cada vez que ela, essa mulher, se debruça, algures, sobre o oceano
o caminho agradece e fica mais fresco e mais marcado.
é o rumo do andar que inscreve o destino.

e essa é a mulher que ama, anda desalmadamente
as madrugadas frente ao mar do sul dos secos portos.
quem sabe, se uma manhã destas o barquinho do sul
vai entrar pelo seco porto adentro?
quem sabe, se uma madrugada destas,
a mulher depõe os passos e o cansaço
e o porto do sul some-se por entre a última poeira radical
ao largo das duas alvas línguas, outrora despegadas do alto-mar.
essa mulher gemia, como ainda agora geme, uma canção rara de gratidão.
quem diria, agora, sobre tal relação marítima do caminho seco a sul?
ao largo das duas alvas línguas, outrora despegadas do alto-mar,
a espuma ondeia no vaivém da atracção da onda pela orla
bordada pelos pés dessa mulher ali parados a ver o mar
onde o barquinho, encantado, segue a rota rumo ao sul.
e essa mulher, desalmadamente,
confia ao barquinho a canção rara da gratidão às madrugadas frente ao mar do sul.

12

avança até à morte.

sobre a chama e o carvão quente
fervilha na labareda e no fumo forte de vermelhos e azuis —
essa mulher, a que caminha entre os céus e a terra
a que sabe o sabor das raízes e do húmus
a que enterrou os seus mortos todos na terra, à excepção das cinzas do homem pai /
atiradas ao mar / essa mulher avança até à morte.
conhece os nós do caminho, as curvas toscas, as veredas rasando o alcatrão e o pó
conhece a desgraça, a pobreza e a fama vã
conhece o olhar distante dos preocupados com a quebra do corpo, com as marcas no rosto,
com a temperada oscilação das partes e do ventre
conhece e sabe, mesmo que não tenha sido vivido por ela
porque, tudo o que esta mulher sabe, aprendeu
com o espanto do olhar, o mar, e com o brilho do riso face à terra.

esta mulher tinha de chegar nesse dia para estremecer o que estava na mesa
a louça dispersa pelo chão e o diamante, raro, que ainda se não conhecia.
essa mulher tinha de atravessar o deserto do sul, tinha de levantar a poeira da estrada simples
tinha de atravessar a catenária do norte e o carril do comboio que leva ao sal e ao mel de prata
para ficar, teimosamente pousada no molhe, sentada, ladeada pelos animais de colo e mimo
ali, parada, extasiada, a respirar a maresia
que já ninguém aprecia por causa dos concursos e das novelas na tv.

essa mulher não existe, é claro.
fábula de alguém, de alguma intenção, da imaginação
essa mulher que amas sem saber ali está e permanecerá
até os seus cabelos aceitarem o branco
e, por fim, se entregar à vida da morte.
cuida-lhe das mãos, viajante passageiro, cuida.
confia à sua pele macia o beijo adiado e impossível. a mansidão.

13

deveras, essa mulher caminha mesmo ao encontro da sua mais meiga face.

deveras, essa mulher comove-se ao mínimo, ténue sinal de comoção
ao menor gesto de vibração colorida, de resistência da lua e do mar
essa mulher é aliada firme e constante, deveras, é.
essa mulher por vezes não respira: só beija
e é pelos lábios do beijo do sorriso e do pão
que o ar a toca e a reanima.
essa mulher, deveras, por vezes não vive: plana, esvoaça
levando nas asas as quimeras e as lantejoulas do mundo.
essa mulher tem pássaros em vez de maridos, aliados no lugar de bens
e muita ternura onde outros amealham cvs de servidão.
essa mulher é ternura viva, ardendo devagar, em lume brando e rouco ou louco
— conforme o vento e as árvores que a acompanhem,
pois essa mulher tem, sempre, como companhia, as árvores e suas raízes,
essa mulher é, deveras, uma gigante árvore que voa
abraçando o homem de boa-vontade e corpo meigo que se deite a seu lado

na terra vermelha ou no branco mar da sua pura cama.
essa mulher, deveras, é mesmo ela a ser vida e branca luz.
por isso nunca será apedrejada:
nem a traição nem o ódio vencem o limiar pujante e inocente do — radical — Amor.

14

essa mulher gerou um filho com a ternura adiada pela cintura e pelos braços.

abriu as pernas e nasceu-se ela mesmo outra vez.
por entre balanços fortes de parturiente experiente
por entre mornos sufocos de resistência, espanto e esperança de dar ao mundo o melhor,
contém em si um ser que lateja a toda a hora, em qualquer lado
onde essa mulher pouse, pare e se reveja no espelho mais interior e humilde que é a alma inteira.
essa mulher embalou, depois, o filho, ao ritmo do berço
balada de ninar e contemplar petizes
balada suave a trinar sininhos e vozes meninas
balada doce de amainar tempestades e guerras.
essa mulher, a seguir, deu a mão ao equilíbrio instável dos bracinhos e joelhos gatinhantes
curiosos de descer escadas, soltar muros, correr ruas voar praças e esquinas.

15

entretanto, o tempo fez-se neblina e clareou
para voltar a cerrar-se em chuva frios e vendavais
que desembocaram no chilreio de aves coloridas
e em pernas morenas e decotes francos para apaixonar
essa mulher renovou a juventude, voltou a provar o mosto do encantamento perfeito

16

essa mulher tinha intimidades inusitadas com os mortos,
mesmo com aqueles que já não respiravam e jaziam nos cemitérios.

essa mulher sabia o som do medo e do choro dos mortos,
mesmo dos habituados a telenovelas ou romances diários de mágoa barata.

essa mulher reconhecia rapidamente os mortos pelo andar,
mesmo os atrasados os tímidos e os rebentados pela máquina da facturação.

essa mulher pressentia a morte nos mortos,
mesmo nos que ainda não sabiam que estavam vivos.

17

essa mulher é exímia na transfiguração de ranço e bolor em arcos-íris
até a radiação morna devir fogo sem fim.

18

essa mulher é imortal, podem crer.
e mesmo que não creiam, assim é —
a verdadeira natureza dispensa provas
adesões, votos e, mesmo, confirmações.

essa mulher é feita do magma vulcânico
de hóstia de ambrósia e do silêncio, sagrados —
a verdadeira natureza liberta o sangue e,
desprendida, aceita o caos do imenso perdão.

essa mulher é eterna como a pedra pomes,
íntegra como o pulsar constante do universo.
essa mulher é instantaneamente nova:
refaz-se, e ao ranço, à bílis e à hipocrisia
em cada sopro por onde plana,
ao devir gota, grão, semente, raiz, húmus, seiva — a comoção.

19

essa mulher guarda as mãos dentro das palavras.

leva as mãos nas vogais confiantes e nas afoitas consoantes
por entre as perninhas, voltas e rabiscos desenhados
acomoda os pulsos as linhas da vida e do amor

os dedos as unhas e, até, a meiguice e a ternura
que subsiste, sempre, na pele de uma mão amada,
de uma mão que já conheceu outra mão fora de casa,
fora da alça e do sangue que lhe circula como pão.
essa mulher contrasta letras e carícias
afaga mãos com ditongos e sons cálidos
abraça ombros com sílabas demoradas nos ós
beija o rosto e a nuca do amante
de cada vez que levanta a poeira a um 'oso'
a um longo imenso ou arrastado verbo.

essa mulher acaba por nem se demorar nas mãos.

sabem, já, as palavras, ser esse o seu destino entre o canto os cânticos e a poesia oral.

cuidai, pois, quando a encontrardes, de lhe honrar a voz!
seja mansa e arbórea a vossa passagem por essa mulher.

20.
essa mulher é a mais silenciosa das pessoas faladoras.
trata-se de um paradoxo identitário
inexpugnável pelos curiosamente nefastos,
aqueles que tudo baseiam no mexerico e
acabam, afinal, por nunca saber nada de ninguém
excepto essa preciosa nuvem que se envia, avulsa, / para os calar.
essa mulher é desse tipo de nuvem silenciosa,
perfume silencioso, gesto silencioso, silencioso grito
tão calados e mudos que chegam a romper
o equilíbrio à música feita de pausas e vibrações
soberbas e entoadas vibrações e pausas.
porque essa mulher cala ao falar
porque essa mulher fala para se calar
para adentrar mais o que observa e nela palpita
—

o lamento de um morto. a saudade de outro.
a timidez de um jovem. e a de um velho.
o desejo de uma mão. a saudade de outra
tão íntima na convivência das carícias.
o encontro a esvair-se por entre a secura dos dias
e o encontro a fazer-se na ternura de amantes

—

essa mulher cala mesmo os secretos voos reservando-os para o rodapé da noite
onde repousa e aprofunda
o mágico encantamento do lembrar
o mago alinhamento de ressoar em si mesma o amar.

21

essa mulher é exímia na transfiguração
de ranço e bolor em arcos-íris
até a radiação morna devir fogo sem fim.

22

como se só houvesse um braço direito e um braço esquerdo.
como se só escorressem águas de chuva amiga.
como se a neblina e o gelo fossem miragens do terno sol.
essa mulher caminha entre as folhas de outono para lhes aceder
colo mãos peito e ventre pacientes e entregues ao ritmo a que estalam, amorosas.
amanhã nasce outro horizonte de fluido alcance.
amanhã. ou seja, em cada veia da anunciação do amor,
a cada passagem fecunda de amarelos e secretos recantos.

23.

essa mulher é um outono em promessa à porta de cada casinha branca onde cheira a broa.

essa mulher é um lastro de folhas secas, tão vivas, impregnadas pelas tonalidades, todas, do sol.

essa mulher é um rosto menineiro onde dois luzeiros pretos te aguardam e esperam com ternura.

essa mulher é uma ponte entre as margens do desconsolo e da consolação.

essa mulher é intenção andante à beira de devir luares propícios e estrelados.

essa mulher é o signo da terra e do sal, alimentado por uma vénus que a todos abarca.

essa mulher, enfim, calca as intempéries com doçura:

sabe, ela, como é imenso o consolo que habita em cada mão.

24

[salvé! aquela cujos filhos são como peixes!]
abençoada pelas altas marés brancas de prata e pelas nuvens róseas e azuis
embala devagar o húmus das ondas. amacia, suavemente, a espuma ondulada
e beija ao de leve o sol.
essa mulher, abençoada e bendita,
cuida das guelras rosadas, finalmente perceptíveis no contraste da luz com a maré
essas membranas
sereias cordatas do vento sul e assertivas com a lua.
essa mulher canta, baixinho, sem pudor outro que o meigo acarinhar
da fêmea voz.
essa mulher lança as redes e o dado, lança a vara e o dardo e, por fim,
rodopia, incansável, sobre o arrulhar dos pombos vizinhos junto das gaivotas.
essa mulher roda o que é raso, ronda o que é estranho, e avança
muralhada com gaivotas, algas, estrelas e seres febris em vigília ardente.
essa mulher é a guardadora dos segredos e das virtudes de todo o ser amante.
e cala, baixinho, sem estertor outro do que o de alguém que prova a funda morte de um filho.
porque essa mulher sabe da mãe e do tal filho desgastado dorido e acossado.
sabe. do parto de nascimento e do parto do abandono.
— essa mulher é a própria voz da partida.
abençoada e bendita, cala e grita em surdina o arrepio eterno do cósmico encontro amoroso.
arrepiada e gélida, após a neve da ausência, essa mulher solta de Gaia a âncora transitória
e entrega-se, enfim, à veloz vibração dos subtis corpos astrais: o desapego.

25

essa mulher ausenta-se para dentro
das formas redondas côncavas e doces,

aligeira as arestas dos rectângulos
prolonga os lados dos quadrados
amansa a curvatura das distâncias
e entrega-se, sem reservas, ao colo azul.
essa mulher ausenta-se do mundo
para aderir à ternura mais cúmplice
que jamais se inventou ao cimo da crosta
térrea e sólida — dita realidade.
essa mulher nunca permanece situada
mesmo quando habita a serenidade
mesmo quando habita a enamorada força
do silêncio bafejado pelos lábios
lentos da descoberta continuada.
essa mulher ausenta-se para dentro
essa mulher ausenta-se do mundo
e entrega-se, sem pudor, à vertigem
mais drástica de todos os tempos.
essa mulher reserva-se o destempo
de ir ao encontro da impossível felicidade.

26

Inesperada, arrisca a voz, a sombra e a própria esperança
em cada passo com que encerra as madrugadas claras.

Inesperada, arrisca-se a ser faúlha faísca centelha
em cada gesto aceso com que inaugura as noites desejadas.

essa mulher segue o ciclo da inconsistência / alimenta a falha da arrogância
anima os ombros dos inquietos, os gestos dos temerosos / e o silêncio
de todos os sofredores de perdas mentais ou virtuais.
essa mulher sofre
por contágio astral entre as auras / por sufrágio invisível entre as almas
por encantos e desencantos impossíveis de dizer evidenciar e demonstrar.
essa mulher sorve a velocidade do vento e respira, enfim, no recanto do permanecer.

27

arrisca a voz a sombra a própria esperança,
essa mulher doutros lados essa mulher doutros sítios
onde as asas se espraiam até devir luz
onde as pausas contraem o medo e distendem rugas
no vagar mais plácido e grato que pode passar frente aos olhos
na gratidão mais intensa e pungente a arrebatar uma mão.
essa mulher — de outras terras, outros lados, outros sítios —
arrisca o sol e a voz.
sabe, inteira, do lugar dos esguios cantos, esguios e lentos
desde o imenso horizonte até à endurecida e robusta memória esperança ou raiz.

28

essa mulher é portadora do fogo e da fala.
essa mulher é mediadora da fala fogosa
pois ainda os olhos dos outros não se fixaram
e já ela os vê, dias ou meses mais tarde,
na cena a que serão chamados integrar.
essa mulher é ensaiadora dos gestos e dos passos.
ninguém acredita que ela saiba nem sinta.
preciosa distração ela cultiva, sorrindo
— basta de drama no mundo, remata.

29

essa mulher nem sempre era bem escutada,
pois havia pessoas que enfiavam os ouvidos nos bolsos
à espera que a consciência pesada lhes fugisse,
de vez!,
pelos cotovelos até aos pés.
e essa mulher cosia as palavras aos gestos
alçava a esperança e o fragor do vento
até o temor e a cobardia não respirarem mais.
mas as pessoas que enfiavam os ouvidos nos bolsos

à espera que a consciência
pesada
lhes fugisse, de vez!,
pelos cotovelos até aos pés,
arrepiavam-se ainda mais com o medo silenciado.
dir-se-ia que temiam ainda mais que se pudesse não ter medo
do medo propriamente dito.
testemunha desses jogos acobardados era a lua
na sua rodada forma de inchar, desaparecer e reaparecer
intermédia, nova ou cheia de plena luz solar.

a essa luz essa mulher resplandecia interiormente
bem como de dentro ou pelo dentro das palavras.

e as pessoas que enfiavam os ouvidos nos bolsos
à espera que a consciência pesada lhes fugisse pelos cotovelos até aos pés,
de vez!,
convenciam-se: no dia em que o sol morrer vou escutá-la.
à — a essa — mulher.

30.

nunca mandes calar essa mulher.

diz-lhe apenas: escuta-me, meu amor.

31.

essa a mulher que doma a seiva.

essa a mulher que ensina o sol.

há que roçar-lhe a curva do ombro / enlaçar-lhe a cinta, o pulso o pescoço.

essa a mulher que, criada divina, / caminha ardente, sob o astro e o mal.

só um anjo caído a pode distrair do seu caminho de andante, / de gemente.

essa mulher é a que doa à terra as águas de vida e as de guerra.

e do seu corpo de migas secas inventa uma mesa de azeitonas cortadas

onde uma taça vermelha, de sangue ou vinho, refaz os abraços e consola as mãos.

[Figueira da Foz. Nahida; Casa do Caes, Tasca da Lucia: Julho / 2105 a Março / 2016. Abril/ 2017;
Porto, Casa da Voz. 18 Setembro / 2017. Coimbra. Casa das Rosas e das Camélias, Janeiro/2021]

[*publicação parcial de alguns destes textos: Revista virtual *InComunidade:* 2016: Jan, Abril, Junho, Ago, Dez | 2017: Jan-Mar.

Para não dizerem que não falei de astronautas nem de outras rosas...
[2022-2025 | [série de 20 poemas]

1.

o meu amor que não é o meu amor
é astronauta.

2.

o meu amor que não é o meu amor
ama correr.

pisa os mais variados
terrenos.

mete-se pelos mais difíceis trilhos.

percorre as beiras dos mares mais
tisnadas.

assume os íngremes e os tortuosos
caminhos. todos.

o meu amor calça saliva morena
peúgas de esperança resistente
sapatos entregues pelos desertos e vales ancestrais
estribos de paciência antiga
e compaixão.

o traje do meu amor é sempre
fresco
leve
novo

limpo
e branco.

o meu amor reza sempre antes
da partida
e sorri lágrimas doces
à chegada.

tudo isto pode ser verdade
se algum dia eu vier a conhecer
a tenda para o recobro da diáspora do meu amor.

desse meu amor de que conheço
o braço
o nome de laço
os rastos que vai deixando
sem cansaço outro que o de um timoneiro a devir ancião.

do meu amor conheço uma mão
luzente
e a outra que resguarda por comoção.

quando o meu amor voltar
para mim
vou contar-lhe esta história
de imensos, de quantos e de portantos
que é a única história que a minha mão sabe escrever
desde que o meu amor me deu
a sua inteira mão.

3.
aquele estado na Vida:
comer palavras
respirar sonhos

sonhar metáforas

4.

traduzindo Saint Éxupery 'avant la lettre'

foi o tempo que dedicaste ao teu astronauta
que tornou o teu astronauta tão importante

5.

Deixa-me ser a tua amiga, amor , Florbela Espanca
O sol nas noites e o luar nos dias, Natália Correia

deixa-me ser a tua lua diurna, amor!
e eu deixo que sejas a minha estrela.
nocturna.

7.

"Caminante no hay camino / sino estelas en la mar"
Antonio Machado, *Caminante No Hay Camino*.

"*Verde que te quiero verde. / Verde viento. Verdes ramas. /*
El barco sobre la mar / y el caballo en la montaña. / (...) /
Verde que te quiero verde. / Bajo la luna gitana, / las cosas le están mirando
y ella no puede mirarlas."
Federico García Lorca, *Romance Sonámbulo.*

ver-te que te quero, ver-te:
ver-te brando, ver-te branco
uma águia sobre o mar
e, o nosso amor, um campo aberto.

depois de, assim, arado o futuro
o tempo jamais nos magoará
a prenda do agora é o presente
que, viventes, viemos resgatar.
por isso as minhas asas cantam.
por isso riem os meus lábios.

por isso a minha voz ecoa
pelos séculos dos séculos além.
estendo a esperança pelo horizonte
suplico aos mares e oceanos
uma resposta de inteira paz
e a voz das ondas, enorme,
responde-me sem hesitar:
mulher, aceita a colheita
de teu passo, de teu andar
de teu verso, de teu pulso
de teu dentro e de teu estar.

só então recordo e acolho
o segredo do verbo caminhar:
"Caminante no hay camino /
sino estelas en la mar. "

8.

(hoje celebrou-se o 92º aniversário do nascimento do Mestre HH)

conheci o meu amor em Vénus.

foi um acaso raríssimo
dado eu passar os meus dias na Lua / e ele passar os dele em viagem /
da Terra ao solo lunar / com umas amaragens no Oceano Lácteo /
e umas escapadinhas ao 'hostel' inter-estelar a Sul de Marte. /
acaso raríssimo porque, para quem não saiba, /
o solo lunar nenhuma relação tem com a localização onde resido /
nos momentos de regozijo e encantamento. /

o meu amor - esclareço - é astronauta habilitado.
eu vivo na Lua por vocação e intenção.

nunca concluí as provas de acesso nem ingresso. /
com tantos prémios, honrarias e ritos / perdi-me nas listas de promessas e 'rankings' /

e esbarrei numa ‘vitrine’ onde sobrevivia o aviso: / “nesta casa a Poesia é Arte, Ofício e Lei”. /
enredada nos imensos corredores, pórticos e escadas / deixei o edifício para quem se divirta /
a coleccionar fotos com famosos ou outras pessoas que podem vir a sê-lo /
que isto de divulgar o que se não é / dá trabalho até morrer /
como aquele director de um certo banco a guardar recortes do jornal da terra /
com as fotos e os nomes das figuras do poder local /
- recortes que ocupavam o serão e as insónias de memorização lenta do sr.

pois foi em Vénus que nos conhecemos /
estava eu em trabalho de campo / a mando de Yemanjá. /
pretendia a Deusa africana indígena entabular contacto com a Deusa romana do Amor /
para dinamizar uma parceria com vista à criação de uma incubadora /
de empresas empreendedoras e apaixonadas para contrabalançar a saga /
do turbo-capitalismo desenfreado / de raça e metástases cobiçosas, vingativas e pérfidas. /
andava então eu em trabalho de campo /
e eis que me desce - literalmente - à frente / um invólucro transparente /
habitado por um ser equipado para viagens entre astros /
um cão de médio porte e longo pêlo dourado / e um grosso livro de poemas de Herberto Helder. /
do conjunto, aquilo que mais me tocou, logo ao início /
- e desculpas peço aos zelosos funcionários da poesia -
foi o cão.
então não é que parecia… e era! a minha cadela Lua! / sim, o cão era, afinal, uma cadela /
que eu pensava que me tinha morrido em Maio /
e, afinal, tinha transmigrado para o planeta de seu nome. /
o meu amor astronauta /
- que ainda não era o meu amor mas já era astronauta - /
estava a fazer um ‘tour’ por Vénus aproveitando uns dias de folga /
a que tinha direito por algum excesso de trabalho / que tinha de compensar /
porque no Céu o sobre-trabalho /
é visto como coisa de espécies burras inferiores, infernais /
pois qualquer ser do bem sabe / ser mais feliz o trabalhador que é respeitado. /
enfim, muita coisa podia dizer-se a este respeito.
para já / o que saliento é esta convergência /
e o alinhamento, físico e literal, dos astros /

permitindo o meu encontro com aquele astronauta /
sábio amante da Poesia / meigo cuidador da Vida / e Viajante incansável das rotas da Luz.

9.

o meu amor astronauta ignora-me - pensava eu.
o meu amor astronauta não lê os meus correios nem as minhas mensagens - dizia eu para mim.
o meu amor astronauta evita-me - convencia-me eu.
eis senão quando me enviou votos de bom final de ano
antes de os correios ficarem a abarrotar
com missivas de boas festas.
recebi um postal feito por ele mesmo
a partir de uma imagem dos seus tempos livres
lendo, fervorosamente, sempre em fervorosa viagem.
foi então que percebi como o estava a julgar em vão:
o meu amor astronauta sofre do pavor da paragem.
o meu amor astronauta sofre com a eventualidade
de desacelerar o seu andamento
de ter, mesmo, de permanecer quieto sem saltar de estrela ou planeta
de ficar sem se mover durante temporadas
razoáveis para qualquer pessoa que deseja o descanso
compensar o cansaço e o desgaste humano astral e universal.
o meu amor sofre de furor e velocidade.
agrada-me, tal condição.
tenha eu um segundo para lhe tocar a mão
um instante para me sentar ao lado
encostarmos ombros
roçarmos cotovelos
encaixar o meu cabelo cereja na curva fulminante do seu pescoço
e a transfusão de velocidades vai dar-se
sem mais recursos outros do que o arrepio do calor frio,
a fala suspensa
um canto murmurado
a escrita gelada

o vento alçando-se entre nossas faces, tumultuoso
pelos odores misturados, indecorosos, de nossas peles.
seja eu abençoada com a descida do meu amor astronauta
uma aterragem segura da mirabolante nave mágica
no centro do olival sob a forma de extensa planície.
e a incomensurável lentidão amorosa do Sul
nos habitará.

12.

ando há uns milénios a pensar em convidar
o meu amor astronauta para um café com tempo.
à medida que o tempo passa
encurta-se o tempo
do nosso café.
qualquer dia morro eu.
e, depois, ele já não vai querer o café.
gelado.
tudo isto se resolvia se ele me convidasse.
para tomarmos juntos um.
chá.

16.

o meu amor astronauta hoje está ali em cima /
naquela nuvem desfiada /
aguardando a passagem dos Reis na Lua /
para os conduzir até à Terra. /
daqui, do planeta Vénus /
onde habito há mais do que milénios /
vejo-o e à sua mecha do cabelo / o brilho do olho / a ruga no canto do sorriso/
a hesitação ou descrença no que sente o temor de voltar a ser só pessoa /
sem escafandros nem tonéis de ar às costas /
sem silêncios por falta de ar oxigenado /
e com palavras inteirinhas /
que se podem dizer todinhas desde o ‘a’ inicial ao ‘-te, meu amor.’ final. /

palavras comuns que se podem repetir e repetir e repetir /
e desenhar com giz pelas ardósias ou pelas paredes das ruas /
ou pintar com pincéis de monges budistas ou flores e folhas dispostas ao longo das ruas/
ou chapéus de chuva escritos nos céus das ruas /
ou faixas de pano ou linóleo ou vinil afixadas nas paredes das ruas/
ou cantos entoados, / passo a passo, ombro a ombro /
aconchegando a humidade dos corações / alegrando as árvores. /
as casas. as mãos. os sonhos. / e as ruas./
o meu amor astronauta aguarda, numa nuvem esfarrapada, a passagem dos Magos./
eu, sentada na soleira do amor, ajeito o xaile nos ombros, /
pigarreio e entrego, ao grande céu, / o meu cântico menino de *janeiras* /
para aquecer o ar que o meu amor respira, /
e, assim, acarinhar - o meu amor astronauta - /
com a amorosa meninice que nos uniu / a meninice que nos cumpre honrar./
e amar. / e ser. /

17.

a humidade ameaça a esperança.
em cada rabanada de vento pressente-se o dilúvio da esperança.
a chuva batida a vento ritma a voracidade com que o medo ameaça cerca aperta o peito.
o meu amor evaporou-se no ar com o dilúvio.
disse-me, ao aspergir os ares taciturnos,
que regressava quando a humidade fosse mais luminosa
que voltava quando a humidade fosse mais fogosa
munida de arcos-íris / nuvens branquinhas e bruxinhas,
luz a encandear largos e praças / coretos a resplandecer seus verdetes e ferros
cativando passarinhos e meninos que esvoacem por ali no regresso da escola
sem chapéu de chuva nem sonhos encharcados
disse.
me.
o meu amor astronauta
enquanto borrifava os ares com a sua firme sensibilidade
de ser viajante.

desde então
tenho muitas saudades dos livros
dele.

a humidade ameaça a esperança.
parece que amanhã regressa o sol.
e com esse sol de inverno voltará para casa o astronauta
meu amor.

19

o meu amor ligou para o Céu para saber de mim. /
estava interrompido. /
o céu não tem mãos a medir /
- nos tempos que correm - /
para responder a "mails", /
mensagens gravadas e "ésse-éme-ésses" /
o meu amor ligou para o Céu para saber de mim. /
eu, ao contrário do que havia sido notificado, /
atendi, por cruzamento mágico de linhas. /
o meu amor não reagiu à minha voz: /
- *"estou?… sim?… allô?…"*/
afinal, / o meu amor não queria falar comigo. /
apenas, pela minha mediação, o meu amor pretendia aceder ao Céu./
ora, como nada disto é verdade /
nem eu sou mediadora certificada pelo Céu, nem o Céu certifica aqueles que me ligam /
ficámos todos reduzidos à nossa condição humana: /
- o meu amor percebeu, enfim, que já não era mais o meu amor;/
- o Céu, ratificou, a frio, a minha morna e humana condição;/
- e eu, finalmente, ao fim de eras, pude reconciliar-me com o meu corpo/
a minha pele, o meu cheiro a minha vez / e a minha voz /
e, definitivamente e com efeitos eternos, /
acolher a chegada do meu vero amor /
- esse, o astronauta que anda a vagar pelo espaço /
porque ainda não encontrou a rota certa /

para o meu doce e forte coração. /

[Comboio Cbra-FF: 7 Novembro / 2022, 20h | Coimbra: Centro de Saúde *while waiting for vacina Covid* 23 Novembro 2022 | Figueira da Foz: Casa da Marina, 7 e 16 Novembro, 10 e 26 Dezembro / 2022, 19 Janeiro / 2023; 2025]